

Economia Solidária na Escola: contribuições para o debate

Francisco Salau Brasil, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Mestre em Engenharia Ambiental pela FURB.
fsbrasil@gmail.com

Manuela Salau Brasil, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná.
manu_lela2@hotmail.com

GT 1- Formação em economia solidária e extensão universitária.

RESUMO

Reinventada em épocas de crises, a economia solidária se inscreve em diversas realidades, geralmente a reboque de questões emergenciais de sobrevivência. Há, no entanto, um debate crescente sobre a economia solidária atuando em outras dimensões, e o espaço das incubadoras universitárias têm promovido importantes reflexões e práticas neste sentido. Uma destas experiências será objeto do presente texto, cujo objetivo é apresentar e discutir a metodologia e os resultados de uma atividade desenvolvida com jovens em formação de iniciação científica, numa parceria entre a Incubadora de Empreendimentos Solidários (IESol/UEPG) e o Centro Educacional Marista Santa Mônica (CEMSM) em Ponta Grossa. Trata-se de um trabalho com jovens que durante um ano participaram de formações sobre economia solidária, o que se constituiu como um desafio tanto para o público-alvo como para as equipes de ambas as instituições. Os resultados obtidos encorajaram a continuidade do trabalho, além de apontar para o potencial da economia solidária para além das questões da renda.

1. INTRODUÇÃO

A Economia Solidária, reinventada em uma das crises do sistema hegemônico, foi tomada por alguns como remédio para dirimir alguns de seus efeitos econômicos e sociais. No entanto, a tese que se defende é de que seu propósito supera este limite, tratando-se de uma opção e um direito que transcende questões emergenciais ou de cunho utilitário.

Trata-se, em síntese, de uma proposta que contempla práticas que ensaiam uma nova forma de relação na sociedade. Recordamos a afirmação de Singer, para quem a economia solidária não é apenas um modo de produção alternativo, mas também superior ao capitalismo.

[...] se a economia solidária for apenas uma resposta às contradições do capitalismo no campo econômico seu crescimento poderá se desacelerar no futuro e, pior, ela não passará de uma forma complementar da economia

capitalista, cuja existência será funcional para preservar fatores de produção - trabalho, terra, equipamentos e instalações - que, se ficassem sem utilização, estariam sujeitos a se deteriorar [...] Há, no entanto, uma outra alternativa. A economia solidária é ou poderá ser mais do que mera resposta à incapacidade do capitalismo de integrar em sua economia todos os membros da sociedade desejosos e necessitados de trabalhar. Ela poderá ser o que em seus primórdios foi concebida para ser: uma alternativa superior ao capitalismo. Superior não em termos econômicos estritos, ou seja, que as empresas solidárias regularmente superariam suas congêneres capitalistas, oferecendo aos mercados produtos ou serviços melhores em termos de preço e/ou qualidade. A economia solidária foi concebida para ser uma alternativa superior por proporcionar às pessoas que a adotam, enquanto produtoras, poupadoras, consumidoras etc., uma vida melhor. (SINGER, 2002, p.114)

Na prática das incubadoras universitárias, e aqui nos referimos a uma delas em particular, a Incubadora de Empreendimentos Solidários da Universidade Estadual de Ponta Grossa (IESol/UEPG), o processo de incubação é identificado com o objetivo principal de apoiar e assessorar grupos que geração de trabalho e renda, os empreendimentos econômicos solidários (EES). No caso da IESol, está em curso uma experiência de trabalho com um público de outro perfil, sem prejuízo para seu objetivo principal, são crianças e adolescentes a quem vem sendo apresentados os princípios da Economia Solidária.

Neste texto será abordada esta experiência, fruto da parceria entre a IESol e o Centro Educacional Marista Santa Mônica (CEMSM), através de um trabalho conjunto com uma turma de Iniciação Científica que agrega estudantes de 11 a 15 anos em atividade de contraturno. Para tanto, após esta introdução tem-se uma apresentação sobre a IESol e sobre as primeiras ações com público nesta faixa etária, incluindo experiências anteriores a esta citada, que na sequência será detalhada, finalizando com algumas considerações.

2. IESOL

A Incubadora de Empreendimentos Solidários (IESol) é um Programa de Extensão da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), criada em 2005. No mesmo ano integrou a Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (Rede ITCP), e passou pelo processo de formação com a ITCP/UFPR, em um movimento de incubação de incubadoras.

Sua criação deve-se ao trabalho de pessoas, muitas delas sem ligação com a UEPG, que conheciam a Economia Solidária de outros espaços e que acalentavam o desejo de promover a economia Solidária no município de Ponta Grossa e na Região. A cidade vivia

sua até agora única experiência de gestão municipal popular (2001-2004), com iniciativas tímidas de economia solidária. Naquela gestão municipal, por exemplo, a Economia Solidária era tema do conteúdo do Programa Integrar (Parceria com Confederação Nacional dos Metalúrgicos-CUT), assim como os clubes de mães começaram a utilizar a moeda social “taça”, uma referência a um dos símbolos da cidade (Taça de Vila Velha).

Neste mesmo tempo, antes da existência da Incubadora, profissionais da Universidade participavam das discussões sobre as experiências recentes de economia solidária, num esforço coletivo de vê-la prosperar no município. A gestão municipal não foi reeleita, e a economia solidária não foi continuada pela nova gestão.

Há ainda que se considerar o contexto nacional, em que a Economia Solidária vinha conquistando espaços tanto na academia como na sociedade organizada, incluindo movimentos sociais e também entidades públicas. A SENAES e o Fórum Nacional de Economia Solidária foram criadas nesta época, assim como proliferaram entidades de apoio (institucionais e públicas) com aumento do número de EES.

Neste bojo, a criação da IESol deve-se a aproximação de pessoas com conhecimento prévio sobre a Economia Solidária, e ao longo do processo angariou apoio de quem via nela a oportunidade de conhecer e participar da construção de práticas e de pesquisas sobre o tema. Com alcance regional, a IESol reuniu e reúne ainda hoje, pessoas de diversas áreas do conhecimento e com diferentes níveis de experiência, servidores e alunos da UEPG e também quem não está ligado formalmente à instituição, mas que comungam do objetivo de conhecer e divulgar a Economia Solidária enquanto proposta viável, bem como atuar diretamente com os EES.

Em sintonia com os princípios da economia solidária, a gestão interna da IESol é baseada no princípio da autogestão. A equipe geral é dividida em equipes de incubação e núcleos, ambos formadas por adesão voluntária. As equipes de incubação são responsáveis por planejar, executar e avaliar o trabalho com os EES, contando com a figura de um /a supervisor (técnico graduado) e estagiários (alunos de graduação). Os núcleos são compostos da mesma forma, voluntária e multidisciplinar, sendo que seu objetivo é realizar ações transversais e que dizem respeito a demandas mais gerais. Além dos técnicos e alunos, há também a participação de professores e voluntários nas equipes e núcleos.

Cada estrutura acima tem sua agenda de atividades, mas há um momento por semana em que todos e todas da IESol se reúnem, intercalando as reuniões do conselho de autogestão e os encontros de formação: enquanto os primeiros são destinados para as decisões coletivas e a socialização dos debates e informes, os últimos têm como objetivo

aprofundar os conhecimentos sobre Economia Solidária e temas afins, bem como subsidiar as pesquisas e publicações. Com todos os desafios impostos pela administração pública, na IESol mantêm-se o esforço de vivenciar a autogestão, ciente dos seus limites mas também da necessidade de superá-los para o fortalecimento da proposta.

Tendo como objetivo precípua a incubação de EES, nestes 13 anos de existência a IESol já acompanhou 28 grupos, distribuídos nas áreas urbana e rural, de 9 municípios da Região dos Campos Gerais: Ponta Grossa, Ortigueira, Tibagi, Ipiranga, Porto Amazonas, Piraí do Sul, Curitiba, Castro e Irati. Em sua maioria, são grupos de artesanato, alimentação, reciclagem, serviços, assentamentos rurais, que participam ou participaram da incubação através de acompanhamento mais ou menos sistemático, algumas vezes de forma intermitente.

Sustentado nas fases tradicionais de incubação - pré-incubação, incubação e desincubação - a IESol adicionou uma quarta fase - a pós-incubação - como forma de abranger e dar suporte às demandas pontuais dos EES, constituindo-se uma relação de parceria entre IESol e EES.

Além da incubação, a IESol tem um leque de experiências que compreende a promoção de feiras solidárias na UEPG, a realização de clubes de trocas e de cursos de extensão sobre Economia Solidária, a promoção de eventos, a realização de palestras para diversos públicos, a participação em eventos de pesquisa e extensão, elaboração de projetos para captação de recursos, participação no Fórum Municipal de Economia Solidária e em Redes de Incubadoras Universitárias, elaboração de artigos, entre outras.

Com estas ações, a centralidade do trabalho na IESol mantêm-se no processo de incubação dos EES, mas ambiciona-se atingir um público ampliado, o que de fato ocorre com as ações nas escolas, foco deste trabalho, e que será detalhado na sequência.

3. NÚCLEO DE ESCOLAS DA IESOL: PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS

Com a aprovação de 03 projetos no ano de 2013 a partir de editais: PRONINC (Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas Populares) ligado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e SENAES (Secretaria Nacional de Economia Solidária); PROEXT (Programa de Extensão Universitária) ligado ao Ministério da Educação; Programa Petrobras Desenvolvimento e Cidadania, a IESol passou por uma reformulação metodológica que passou a vigorar no início do ano seguinte.

Desta reformulação consta a criação de núcleos temáticos, mencionados anteriormente, e que servem de apoio a atividades de incubação de empreendimentos econômicos solidários bem como ao planejamento e execução de outras atividades da incubadora. Um dos núcleos concebidos foi o de escolas, com objetivo de levar economia solidária para escolas (públicas e particulares) do ensino fundamental e médio.

A criação deste núcleo viabilizou o objetivo da IESol em se aproximar de um público diferente do habitual, seja pela faixa etária como pelas motivações. A primeira parceria realizada pelo núcleo foi com o Colégio Marista Pio XII em 2013, a partir de um contato com professora de história do ensino fundamental.

Por se tratar de um público-alvo diferente do habitual, houve preocupação por parte da equipe do núcleo em como abordar a economia solidária de forma a despertar interesse dos alunos. Neste ponto foi de grande valia o trabalho em conjunto com a professora do colégio, que recomendaram menor tempo possível de atividades do tipo aula expositiva, sugerindo atividades lúdicas e que privilegiassem a participação das crianças e jovens para tratar do conteúdo.

A primeira atividade contou com forte participação da professora, que durante suas aulas explicou o funcionamento do clube de trocas para oito turmas englobando os sextos, sétimos e oitavos anos, marcando em uma data posterior a realização da atividade prática. Neste segundo momento (final do primeiro semestre), as turmas de cada ano foram reunidas no auditório, onde foi realizada uma conversa sobre consumismo e meio ambiente e em seguida realizado clube de troca de troca.

Para o segundo semestre pensou-se em algo mais prático e para isso foi idealizado um jogo de tabuleiro sobre economia solidária (Ecosol), buscando ressaltar os princípios da mesma. Este jogo foi elaborado pela equipe da IESol, com cartas de perguntas sobre temas da Ecosol. O tabuleiro e as peças, primeiramente em papel reciclado, posteriormente foram confeccionadas com tecido reciclado por um EES incubado pela IESol. A lógica é orientada não para a competição dos jogadores, mas sim para a cooperação, pois todos os jogadores formam uma única equipe e portanto trabalham conjuntamente para ganhar o jogo, que apresenta perguntas e situações relacionadas a economia solidária e temas afins que devem ser respondidas e debatidas pelos membros da equipe para que esta avance rumo ao objetivo final do jogo.

Em 2014 manteve-se esta parceria, e acrescentou-se outra com o CAIC - Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente Reitor Álvaro Augusto Cunha Rocha, órgão administrado pela Universidade Estadual de Ponta Grossa.

No Colégio Marista Pio XII foi trabalhado com cada uma das oito turmas (de sextos, sétimos e oitavos anos) da professora de história, com a realização de duas atividades ao longo do ano, uma em cada semestre, cada uma delas com duração de 50 minutos (uma aula). O primeiro encontro ficou dedicado a uma breve apresentação da própria incubadora, da economia solidária, aliando esta última com a temática da sustentabilidade ambiental, assunto mais próximo do cotidiano dos alunos facilitando assim a interação dos mesmo.

Ainda na primeira metade do ano, foram realizadas falas introdutórias sobre economia solidária em duas turmas do quinto ano. No segundo semestre, tanto no CAIC quanto no Colégio Marista foram realizadas feiras de troca com os alunos. Notou-se neste segundo ano de atividades com o Colégio Marista que os alunos que participaram no ano anterior demonstravam-se animados e perguntando quando haveria novos clubes de troca.

Em 2015 foram mantidas as parcerias com ambas as instituições. No colégio Marista Pio XII ocorreram atividades novamente com alunos dos sextos, sétimos e oitavos anos. A equipe da IESol fez uma pequena fala retomando alguns valores da economia solidária, e em seguida associadas da AFESOL, empreendimento incubado pela IESol, contou aos alunos como é o trabalho dentro da economia solidária. Num segundo momento foram realizados 3 Clubes de trocas, antecedidos por uma dinâmica sobre solidariedade com as turmas.

Sobre a AFESol, é um dos empreendimentos mais bem sucedidos acompanhado pela IESol. Formado por 6 membros (5 mulheres e 1 homem) agrega o trabalho individual com o coletivo, numa proposta originada durante o processo de incubação. Do trabalho individual tem-se artesanato e alimentação, e a produção coletiva se dá através da reutilização de materiais doados e que, passando pelas mãos das e do associada/o, ganham novas características.

No CAIC foram realizados clubes de trocas com as duas turmas do quinto ano. Estas atividades foram precedidas por uma discussão sobre consumismo, sustentabilidade ambiental e economia solidária. Também foi aplicado o jogo de economia solidária, desenvolvido pela equipe da IESol, como uma forma lúdica de se trabalhar com os princípios da economia solidária com crianças.

Em 2016 apenas o trabalho no Colégio Marista Pio XII foi continuado, totalizando 8 turmas: 3 turmas do sexto ano, com o tema da Autogestão; 3 turmas do sétimo ano sobre Cooperativismo, economia solidária e Robert Owen e 2 turmas do oitavo ano sobre Utopia e Thomas Morus.

A metodologia que se repetiu para as atividades dos sétimos e oitavos anos foi a leitura de um texto elaborado pela equipe da IESol acompanhado pela dramatização do tema e discussão geral. Nas turmas de sexto ano foi aplicada uma dinâmica sobre autogestão, dispensando o texto.

A novidade que inclui todas as turmas foi a solicitação de um trabalho a ser realizado em grupo e entregue posteriormente: Para os sextos anos, a elaboração de uma história em quadrinhos sobre a organização coletiva/autogestionária da festa junina do colégio; para os sétimos e oitavos anos a elaboração de uma cartilha/folder sobre os temas tratados.

Os materiais apresentados surpreenderam pela criatividade, por isso decidiu-se por uma exposição durante o evento III SENESTS (Seminário Nacional de Economia Solidária e Tecnologia Social), evento promovido pela IESol. A exposição foi inserida na programação, com uma repercussão positiva e que levou os materiais a serem expostos em outras ocasiões: Exposição Colégio Marista Pio XII, Exposição Trilhas/ PUC-PR, Exposição Colégio Marista Santa Mônica.

Apesar das experiências exitosas, eram atividades ainda pontuais, diferentemente do que ocorreu no ano seguinte com a aproximação do Centro Educacional Marista Santa Mônica (CEMSM).

4. CENTRO EDUCACIONAL Marista Santa Mônica (CEMSM)

O Centro Educacional Marista Santa Mônica (CEMSM) faz parte da Rede Marista de Solidariedade. O envolvimento com a IESol iniciou com o recente processo de incubação do território do Bairro Jardim Santa Mônica onde está localizada a referida entidade. Com o registro de 3.500 moradores de acordo com o Censo IBGE (2010), o bairro abriga uma população de baixa renda e que conta com escassa infra-estrutura e ausência de políticas públicas, embora com ações de incidência política.

O processo de incubação do território iniciou-se em 2014, sem interação direta com o CEMSM, no entanto a entidade mantém um forte vínculo com os/as moradores e equipes de entidades públicas, concentrado nas reuniões e nas atividades promovidas pelo Conselho Comunitário.

De acordo com histórico do CEMSM “A contextualização histórica do Centro Educacional Marista Santa Mônica está integrada à história de constituição e estruturamento do território onde está localizado.” Inaugurado em 15 de agosto de 1998,

foi fruto de uma conquista da mobilização da Associação de Moradores que conseguiu que um terreno doado pela prefeitura ao Grupo Marista fosse destinado para este fim. Ainda de acordo com registros do CEMSM: “Durante a implantação e ampliação de atendimento na Unidade, várias melhorias no território foram conquistadas pela articulação da nossa Unidade, comunidade local e órgãos públicos a considerar a pavimentação de algumas ruas, ampliação da rede de energia elétrica, rede de água e esgoto e fossas sépticas (CEMSM, 2017, p. 2).”

Ainda sobre a atuação local, tem-se:

O CEMSM é percebido como um local de referência na comunidade, especialmente através da biblioteca interativa e da realização de eventos abertos e em parceria com as lideranças comunitárias, existe uma busca constante em estreitar o vínculo e fortalecer o sentimento de pertença da comunidade em relação à escola, principalmente porque a Biblioteca Municipal está distante 7,9km dos moradores do território. Esse vínculo tem sido fortalecido principalmente com a atuação da Unidade junto ao Conselho Comunitário, que foi estimulado e articulado com a nossa participação e com a assessoria à Casa de Cultura, equipamento fundamental no território para as atividades culturais destinada á todos da comunidade (CEMSM, 2017, p. 4).

O CEMSM atende 600 alunos de ensino fundamental I, II e médio, sendo que metade deles participa de projetos na instituição, sendo um deles a Iniciação Científica na área de Humanas- Economia Solidária, em parceria com a IESol. Há um fator que certamente contribuiu para esta parceria, qual seja o conhecimento sobre a IESol e a Ecosol de uma das assistentes sociais do CEMSM, pois a mesma participou do processo de criação da IESol.

5. A EXPERIÊNCIA DA INICIAÇÃO CIENTÍFICA

O vínculo entre a IESol e o Centro Educacional Marista Santa Mônica (CEMSM) se fortaleceu com a decisão da escola em introduzir a economia solidária com um grupo de alunos, o que se concretizou através de uma turma de iniciação científica.

Os grupos de iniciação científica eram, até o ano de 2016, todos nas áreas de ciências exatas e tecnologia. Em 2017 foi iniciada pelo CEMSM a implementação do projeto “Olhares de Francisco”, com atuação na comunidade de entorno da escola e com objetivo geral de “Mobilizar o território em torno da vivência de uma ecologia integral, interrelacionando as perspectivas de ecologia ambiental, econômica, social, cultural e da

vida cotidiana, para uma ação transformadora” (MARAVIESKI e CHICOSKI, 2016, p. 12).

Em 2017 foi o primeiro ano em que a iniciação científica abordou economia solidária, na esteira do projeto da Rede Marista “Olhares de Francisco”. A turma de iniciação científica contou com 15 alunos - do 6º ao 9º ano, reunidos semanalmente nas tardes das sextas-feiras.

Esta nova dinâmica exigiu da equipe da IESol novas formas de abordagens e o desafio de planejar atividades semanais. O planejamento das ações foi construído e avaliado com a professora responsável pela Iniciação Científica. No primeiro semestre os encontros entre a equipe da IESol e a turma de Iniciação Científica foram semanais, e no segundo semestre passaram a ser quinzenais. Apesar deste aumento da periodicidade, mesmo nas tardes em que a equipe da IESol não estava em sala, o conteúdo foi discutido com a professora responsável, totalizando 17 encontros presenciais além de atividades elaboradas pela equipe da IESol e repassadas para a professora.

A equipe elaborou textos para debates sobre alguns temas, mas também utilizou estratégias mais lúdicas como: dramatização, atividades práticas (Clube de Trocas), visitas a dois EES incubados pela IESol, visita a UEPG. Trabalhou-se os princípios da Economia Solidária, aliando-os com questões práticas e com o olhar para o território em que está localizada a instituição.

Destas atividades destacamos a curiosidade e interesse dos/as estudantes pelos temas, notadamente quando tratados em atividades de cunho prático, como os clubes de trocas, as visitas aos EES e a UEPG. Sobre o Clube de Trocas foram realizados 3 edições ao longo do ano: um primeiro na turma, um segundo no Colégio durante a Festa Junina, e um terceiro num evento chamado Rua Cultural (aberto à comunidade), sendo que estes dois últimos foram organizado pelos alunos que autogestionariamente dividiram-se em comissões para tratarem dos detalhes como a produção de cartazes, convites, regulamento, apresentações culturais e as questões sobre a infraestrutura.

Nesta e em outras atividades evidenciou-se o papel dos educandos como multiplicadores de ecosol no colégio. Por exemplo: a divulgação dentro do colégio sobre o clube de trocas foi um dos momentos em que os educandos participantes do projeto tornaram-se multiplicadores da proposta da economia solidária entre seus colegas, com a apresentação do tema nas salas de aula. Vale registrar que uma das edições do Clube de Trocas foi registrado em vídeo, o que facilitou a divulgação da atividade e do projeto.

Outro destaque positivo foram as saídas de campo para visitas aos EES e a UEPG. No primeiro semestre o espaço da sala de aula foi transferido para a UEPG em um dos encontros. Ali, foi comentada a estrutura e o papel da Universidade Pública, além da elaboração de perguntas a serem feitas com trabalhadoras e trabalhadores da AFESOL (Associação de Feirantes de Economia Solidária), grupo incubado pela IESol e que participa semanalmente da Feira Solidária da UEPG com a venda de artesanatos e alimentos.

Duas integrantes da AFESol foram até a sala para explicar o funcionamento do coletivo, e uma das questões que mais chamou a atenção dos/as estudantes foi a prática da autogestão. Em seguida, formando pequenos sub-grupos, os/as estudantes dividiram-se para entrevistar cada um dos 6 integrantes da AFESol (5 mulheres e 1 homem), além de visitarem a feira. Ainda na mesma ocasião foram visitadas algumas dependências da UEPG, incluindo uma visita à biblioteca, Auditório e a própria IESol.

No segundo semestre foi visitado outro EES incubado pela IESol, a ARREP (Associação de Recicladores Rei do Pet). A ida até o barracão de reciclagem foi precedida por abordagens sobre meio ambiente e Ecosol, consumismo e Ecosol (com alusões ao Clube de Trocas). A visita rendeu vários impactos importantes, como a ressignificação do papel dos trabalhadores e trabalhadoras de reciclagem, o questionamento sobre o destino do lixo e do material em casa e no Colégio, funcionando como uma estratégia bem sucedida de educação ambiental.

No âmbito das ações externas, houve ainda a participação dos jovens no “Relato de experiências sobre extensão” que ocorreu durante o evento anual de extensão promovido pela UEPG: Conversando sobre Extensão (CONEX). Além de apresentar um pouco do projeto feito em conjunto com IESol e CEMSM, os/as estudantes fizeram perguntas para os demais projetos, numa ação que foi bem avaliada por todos os envolvidos.

As ações desenvolvidas no interior da UEPG foram um ponto alto, uma vez que possibilitaram a entrada da comunidade para dentro da instituição, um dos propósitos da extensão. Poucos estudantes reconheceram a UEPG como espaço público, e espera-se que tal perspectiva tenha sido modificada com estas estratégias que devem ser mantidas e expandidas para a comunidade em geral.

Sobre as atividades internas, no geral foram realizadas com base em discussão dos temas relacionados à Ecosol, aliados à dramatizações e rodas de conversas, sempre com participação ativa dos/as estudantes.

Por se tratar de um trabalho pioneiro (tanto para IESol quanto CEMSM), há muitos aprendizados vividos e outros a construir, mas a avaliação desta experiência é positiva, e os depoimentos de alguns dos estudantes reforçam esta percepção:

“ Que nessa vida nem tudo é dinheiro, mas sim a sua e principalmente a felicidade dos outros”.

“Eu aprendi o que é economia solidária, aprendi que é sim possível haver uma sociedade onde todos decidem e onde todos vivem juntos, se ajudando.”

“ Eu achei incrível a iniciação, sei que não é fácil falar com crianças e jovens, mas vocês conseguiram, o futuro é nosso e vocês estão ensinando a construí-lo”.

Ressalta-se o bom relacionamento de alunos/as, da equipe da IESol e da equipe do CEMSM, o que foi percebido desde início das atividades e continuou até o final do ano. Destacamos que nos anos anteriores de trabalho do Núcleo de escolas, seja no Marista Pio XII ou no CAIC o trabalho era realizado de forma pontual com poucas visitas em cada turma ao longo de um mesmo ano. Com a Iniciação Científica foi realizado um trabalho contínuo que contemplou diversas visitas e diferentes atividades, proporcionando maior aprofundamento e conseqüentemente um trabalho de melhor qualidade.

Como maiores dificuldades, apontamos as mudanças de planejamento ao longo do ano, com algumas atividades que não ocorreram (feira de trocas com moeda social, jogo da ecosol) e a falta de um produto final, pois pretendia-se que ao final de cada atividade fosse produzido um relato dos alunos que pudesse dar origem a uma cartilha. No entanto, verificou-se que esta estratégia não funcionou, seja porque nem todas as ações foram relatadas, seja porque a linguagem dos relatos não era adequado para a elaboração da cartilha. Por fim, o maior desafio está na construção de uma metodologia para este público e com este tipo de trabalho.

A questão chave, portanto, está em como aprimorar e sistematizar uma metodologia própria para o trabalho contínuo com jovens e adolescentes voltado para a discussão sobre Economia Solidária, voltadas sobretudo para os questionamentos sobre: Em que medida os participantes podem ser multiplicadores da proposta de Ecosol na escola e no território? É possível, através dessa ação, promover uma aproximação maior da IESol com o território? A iniciação científica foi eficiente como forma de promover e divulgar os princípios, os valores, a proposta e as práticas da economia solidária, não apenas como alternativa de trabalho e renda, mas como alternativa societal?

A parceria mantém-se em 2018 com o desafio de elaboração de um produto final, não uma cartilha, mas um jogo cujas cartas, regras, nome e peças sejam produzidas pela turma com base nos temas tratados. Um desafio adicional foi colocado neste ano, a partir de uma composição mista da turma que está formada com alguns integrantes do ano passado e outros, a sua maioria, com novos membros, impondo adequações com pessoas que tem níveis distintos de conhecimento sobre o assunto. Além disso, nenhuma das atividades realizadas em 2017, com exceção da realização de Feiras de Trocas, será repetida ao longo de 2018.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A apresentação da economia solidária para um público que não é tradicionalmente identificado como possível demandante apontou como uma possibilidade de expandir os valores e práticas que ela carrega. Com isto, a IESol se preocupou em difundir a economia solidária junto a alunos do ensino fundamental e médio, pensando em uma formação que contemplasse uma percepção mais crítica, e também mais propositiva, da sociedade.

A avaliação geral do projeto atendeu e até mesmo superou às expectativas iniciais da equipe. Esta parceria com a CEMSM possibilitou o trabalho com jovens de 10 a 14 anos que não tem como objetivo a geração de trabalho e renda. Por se tratar de um trabalho inovador, deve-se enfatizar que a relação de parceria entre as equipes de ambas as entidades foi fundamental para os bons resultados, feita com base na cooperação e na participação, como não poderia ser diferente para um trabalho desta natureza.

O projeto permitiu discutir princípios e características da economia solidária bem como realização de atividades práticas da ecosol. Percebeu-se a adesão a proposta, em que os alunos acabaram se tornando multiplicadores destes princípios e valores para colegas da escola e também dentro de suas famílias.

Ressalta-se o interesse pelas atividades práticas, mas também nas discussões e debates em sala. Entre às atividades prática destaca-se a organização por parte dos alunos de um clube de trocas, bem como a visita a um EES de artesanato e também a uma associação de reciclagem incubado pela IESol. Esta última contribuiu para minimizar preconceitos sociais que a equipe percebeu ao longo do ano.

Pelo ineditismo do trabalho, a equipe precisou dos primeiros dois ou três meses para se adaptar a uma metodologia de trabalho com os educandos. Isto acabou contribuindo para algumas alterações no planejamento inicial, em que diversos outros temas estavam previstos porém não trabalhados, como por exemplo a elaboração de um

jogo de economia solidária. Outro fator que causou alterações no planejamento foi o interesse do CEMSM em dar um peso maior a formações/encontros voltados a temática ambiental, o que foi incorporado nas ações.

Como formação voltada à extensão, percebe-se que as ações contribuíram para aproximar as crianças e adolescentes da universidade, sobretudo por se tratar de um público que aparentemente não é identificado como demandante da instituição, mas no entanto, mostrou-se curioso e receptivo a esta e novas interações possíveis e necessárias. Há que se considerar que outra economia harmoniza-se com outra universidade, contando com uma relação mais próxima e forte entre ela e a comunidade.

A continuidade do trabalho para este ano é um aspecto que confirma sua relevância e aceitação, permitindo ao mesmo tempo que adaptações metodológicas sejam realizadas no sentido de aprimorar o trabalho, cujo sentido original mantêm-se como a disseminação de outros valores e princípios condizentes com uma sociedade melhor.

REFERÊNCIAS

CEMSM - CENTRO EDUCACIONAL MARISTA SANTA MONICA. **Historico**. Ponta Grossa: s.n., 2017.

MARAVIESKI, Andressa; CHICOSKI, Olavo. **Olhares de Francisco**: Ponta Grossa: Centro Educacional Marista Santa Mônica, 2016.

SINGER, Paul. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.